

# DOSSIÊ

LITERATURA E MEMÓRIA: A ESCRITA DO TRAUMA HISTÓRICO

# APRESENTAÇÃO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i23p163-166>

O presente dossiê temático deriva do Colóquio “Literatura e memória: a escrita do trauma histórico”, ocorrido na FFLCH – USP, em abril de 2016. Trata-se de uma entre várias outras atividades do Projeto *Mémoire et Littérature*, no âmbito de um acordo amplo entre a USP e as Universidades de Lyon ( Université de Lyon 2, Université de Lyon 3 e École Normale Supérieure de Lyon). O evento contou com a presença de vários integrantes do projeto, tanto franceses quanto brasileiros, além de alguns convidados cujas pesquisas e textos recentes dialogam com o assunto do colóquio e com o tema do Projeto.

Optou-se, pelo lado brasileiro, por publicar os textos de todos os participantes do Projeto *Mémoire et Littérature* derivados dos colóquios promovidos pelo grupo, tanto no Brasil quanto no exterior, em um único volume, que se encontra no prelo, concebendo-se, assim, a publicação como uma das produções bibliográficas que reúne aquilo que até abril de 2016 havia resultado do convênio entre as universidades, que teve início no final de 2014 (englobando as áreas de teoria literária, literatura comparada, literaturas brasileira e hispano-americana). Já os textos dos colaboradores convidados, sem vínculo com o Projeto, mas em franco e importante diálogo com ele, foram reunidos neste dossiê.

Desse modo, as duas publicações, somadas ao livro editado pelos integrantes franceses em seu país (no prelo) com a reunião de textos derivados do Colóquio “Après les dictatures, après les traumatismes historiques” (Lyon, 2015) constituem um conjunto de reflexões acerca da relação entre memória e literatura, tendo como eixo central os impasses, dificuldades e aspectos envolvidos na tentativa de formalização literária de dois grandes traumas históricos do século XX: o Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial e as ditaduras e o terrorismo de Estado vividos por vários países da América Latina, em especial Argentina, Brasil e Chile. No dossiê, ambos estão presentes, além de uma breve incursão no contexto dos conflitos libertários de países africanos de língua portuguesa, por meio da literatura moçambicana.

Há um fio que perpassa os três primeiros artigos de maneira mais direta, ecoando e se ampliando nos dois artigos finais: o dos caminhos na busca da voz que se ergue, que se cala, e que ressoa a experiência do trauma histórico.

Assim, com o ensaio “A educação pelo desafeto”, de Tiago Guilherme Pinheiro, o percurso se inicia, dando atenção à violência da língua e da linguagem, do aprendizado da língua e daquilo a que ela remete na vigência da ditadura em uma obra do escritor argentino contemporâneo Martín Kohan, *Dos veces junio*. Essa atenção se espraia por outras obras e autores argentinos até encontrar, no âmbito dos recentes Movimentos pela educação no Brasil, com a ocupação, reivindicadora, de escolas pelos alunos, um contundente emergir de vozes sob a violência da língua e do Estado.

Segue, então, pelo viés da busca de uma linguagem e de uma língua (o português ou o castelhano) para tratar de um fato histórico, a ditadura chilena, ao mesmo tempo vivência pessoal e objeto de estudo do historiador que, na opção por uma poesia política, se enuncia poeta, e que, no encontro e desencontro de múltiplas vozes, lida com a memória, a sua e a coletiva, na construção de um poemário: “*Dulce Patria*, un poemario sobre la dictadura”, de Horácio Gutiérrez.

Será ainda a poesia de uma língua perdida e dos que a perderam, e que se declara documental — lugar de irrupção de vozes e do que nelas se cala, do que nelas é silêncio e hiato - o objeto do artigo seguinte, no qual a obra *Nosotros los salvados*, da poeta venezuelana Jaqueline Goldberg, é analisada como gesto e como poema - essa outra língua. O gesto da poeta que se põe a escrever junto às vozes dos testemunhos da Shoá – o Arquivo composto por testemunhos orais e fílmicos dos sobreviventes do genocídio nazista para *Survivor of the Shoa Visual History Foundation*, de Steven Spielberg – e aos 70 poemas que dele afloram, os quais se ordenam na sequência de nomes e sobrenomes dos que sobreviveram à máxima despossessão de individualidade e de humanidade: “*Rasgar el archivo*”, de Adriana Kanzepolsky.

A língua, então, passa a ser a do sonho traumático, em chave freudiana, do cotidiano sob o Terceiro Reich e dos desaparecimentos forçados no Brasil, discutido no artigo seguinte. Aborda-se a questão do trauma e de como se manifesta nos sonhos daqueles que seguiam com suas vidas, num cotidiano tão ordinário quanto possível, durante o Terceiro Reich na Alemanha. De tais sonhos, trabalho noturno coletivo, escoia a narrativa compilada por Beradt entre os anos de 1936-1939, publicada sob o título de *Revêr sous Le IIIe Reich*. Sob a perspectiva psicanalítica, os sonhos e os traumas são também a voz e narrativa dos familiares das vítimas do desaparecimento forçado, durante e depois da ditadura brasileira de 1964-1985, e se consubstanciam, ao final do artigo, no sonambulismo, igualmente traumático, na literatura do moçambicano Mia Couto, *Terra Sonâmbula*: “O Sonhar, o mal sonhar e o

sonambulismo no horizonte da experiência do desaparecimento forçado de pessoas no Brasil”, de Paulo Cesar Endo.

Encerrando essa trajetória, que é, ao mesmo tempo, a dos traumas históricos e a das línguas e linguagens que os enformam (narrativa, poesia, testemunho, imagem, sonho), a literatura brasileira dos anos de resistência armada e da posterior consciência da derrota nos anos de chumbo, foco do último artigo, é observada em suas múltiplas vertentes - da crise do romance que se alia à cultura da derrota, passando pela lírica e a expressão poética na relação entre linguagem e ser social, desembocando, por fim, na autobiografia, no testemunho e em modalidades da ficção e da memória na reconstrução da experiência da guerrilha: “Entre o imperativo da resistência e a consciência da derrota: a literatura brasileira durante o regime militar”, de Marcos Napolitano.

O conjunto composto pelos cinco artigos a seguir contempla, portanto, uma ampla gama de questões, obras, autores e impasses envolvidos na escrita do trauma histórico, possibilitando e convidando à reflexão.

Ana Paula Sá e Souza Pacheco  
Andrea Saad Hossne